

DESCOBRINDO OS CLÁSSICOS

O MUNDO É DOS CANÁRIOS

LUIZ ANTONIO AGUIAR

FNLIJ – Altamente Recomendável

ea
editora ática

O mundo é dos canários
© Luiz Antonio Aguiar, 2005.

Editora-chefe
Editor
Editor assistente
Preparação do original
Coordenadora de revisão
Revisora
Seção "Outros olhares"
Colaboração
Estagiária

Claudia Morales
Fabricio Waltrick
Fabio Weintraub
Agnaldo Holanda
Ivany Picasso Batista
Camila Zanon
Edu Teruki Otsuka
Fabiane Zorn
Grazielle Veiga

ARTE

Editor
Diagramadora
Editoração eletrônica
Pesquisa iconográfica
Ilustrações
Ilustração de Machado de Assis

Vinicius Rossignol Felipe
Thatiana Kalaes
Estúdio O.L.M.
Silvio Kligin
Guilherme Vianna
Samuel Casal

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A23m

Aguiar, Luiz Antonio, 1955-
O mundo é dos canários / Luiz Antonio Aguiar. - 2.ed. -
São Paulo : Ática, 2009.
(Descobrimos os Clássicos)

Contém apêndice e suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-12019-2

1. Assis, Machado de, 1839-1908 - Literatura infantojuvenil.
2. Hábito de leitura - Literatura infantojuvenil. I. Título. II. Série.

04-3102.

CDD: 028.5
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12019-2 (aluno)
CL: 736566
CAE: 247746

2018
2ª edição
5ª impressão

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2005
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br
www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



A CABEÇA EM MOVIMENTO

Quantas vezes você já não se surpreendeu ao examinar, de um ponto de vista novo, algo que já imaginava conhecer por completo? Um objeto, uma paisagem, uma ideia se apresentam de repente como coisas cujo sentido não está determinado, antes variando em virtude do ângulo pelo qual as observamos.

No caso de uma história, um relato literário, é fundamental perceber a relação que existe entre o que é contado e a perspectiva (as motivações, a posição social, as circunstâncias) de quem conta. Ao fazê-lo, muitas vezes somos levados a desconfiar das aparências e a relativizar o significado de determinadas afirmações.

Machado de Assis foi um mestre na arte do subentendido, brincando com diferentes pontos de vista e desmontando o mundo das aparências, das ideias prontas e opiniões estereotipadas. Por isso seus textos, apesar da linguagem sempre clara e elegante, desafiam os leitores, obrigando-os a sucessivos deslocamentos.

Neste livro você vai travar contato com uma pequena amostra da perícia machadiana (seis contos: “Ideias do canário”, “Umás férias”, “A segunda vida”, “Missa do galo”, “O enfermeiro” e “Eterno”), por meio das discussões travadas no *clube de leitura* de Colinas da Lua, província imaginária no

interior do estado do Rio. Ali se reúnem sete adolescentes que estão se iniciando nos mistérios de Machado, o “bruxo de Cosme Velho”, pelas mãos de Carolina — uma bibliotecária apaixonada por esse autor.

Dentre os adolescentes, destaca-se Laura. Cansada de ser conhecida apenas como a namorada de Juca, o craque de futebol da província, Laura nutre o secreto desejo de se tornar escritora. Estimulada por Carolina e inspirada pelos debates do clube, Laura vai escrevendo um conto no qual entram elementos da história de Carolina e de sua falecida avó Benícia — personagem enigmática, leitora igualmente devota de Machado de Assis.

Você vai agora acompanhar o percurso de Laura, não só seu amadurecimento como leitora e contista aprendiz, mas também como pessoa responsável diante dos próprios desejos e decisões. Verá como, em determinadas situações, a leitura pode se converter numa “experiência de vida”, o que se liga justamente ao começo dessa nossa conversa, isto é, à capacidade de captar os acontecimentos tendo em vista vários ângulos de observação.

Puxe então uma cadeira, aproxime-se da luz e aposente as certezas: de um parágrafo para o outro, coisas mudam de lugar.

Os editores

SUMÁRIO

1	O ático.....	13
2	Glórias de empréstimo	18
3	A camisa 13	30
4	Decifra-me ou eu te bico.....	33
5	A decisão.....	49
6	Perdas e festas.....	54
7	Não poder, não querer	66
8	A voz da experiência	68
9	Balas de estalo	79
10	O duelo	87
11	Talvez: usos do dia a dia	102
12	Bem-aventurados os solitários	105
13	Canários	117
14	O alquimista	120
15	É tempo.....	133

Outros olhares sobre os contos	
de Machado de Assis	139
Referências bibliográficas	150

Que dono? Esse homem que aí está é meu criado, dá-me água e comida todos os dias, com tal regularidade que eu, se devesse pagar-lhe os serviços, não seria com pouco; mas os canários não pagam criados. Em verdade, se o mundo é propriedade dos canários, seria extravagante que eles pagassem o que está no mundo.

Machado de Assis

Machado de Assis é uma espécie de milagre...

Harold Bloom

*Machado será sempre assim...
“Sem pressa, mas sem pausa como a estrela”...*

Mário Matos

*[...] devemos tratar [Machado de Assis] com carinho e a
veneração com que no Oriente tratam as caravanas
a palmeira às vezes solitária do oásis.*

Joaquim Nabuco





• 1 •

O Ático

Quando a garota se deu conta, já havia subido a escada que, do segundo andar da casa, levava àquela porta de madeira antiga, sólida, com sua tranqueta de bronze. Para abrir a porta, bastava puxar lateralmente o pino soldado à haste, que deslizaria pelo trilho. Mais nada. Só que, aos treze anos, apesar de nunca ter sido proibida de subir até lá, jamais pisara naquela escada nem, é claro, estivera diante daquela porta.

Sem se precisar dizer, era como se o que havia atrás daquela porta pertencesse à avó. A ninguém mais. Era para onde ela escapava. Onde sumia. Por horas e horas, quase todos os dias.

Muito vez por outra, apenas, a garota lembrava que o sótão existia; era como se estivesse adormecido, enquanto os dois outros andares viviam em gostosa agitação, com pessoas conversando aos berros de uma porta para outra, crianças correndo, visitas que não acabavam mais. E, na maior parte do tempo, era justamente a avó o centro de tudo, das decisões e emergências, das providências e, não raro, das bagunças.

Mas, nessa manhã, a casa estava irreconhecível. As pessoas andavam rente às paredes, de cabeça baixa, sem querer se encarar, evitando uma dolorida troca de olhares. E, vaga-

rosamente, como se não tivessem razão para ir de um lugar para o outro.

Quando acordou, no quarto permanentemente reservado para ela, no segundo andar, a garota estranhou o silêncio da casa. Mas a explicação para esse silêncio lhe ocorreu logo em seguida — assim como a de não ter desejado lembrá-la. E foi então que, vagamente, começou a pensar no sótão.

Ou melhor, o ático. Era como a avó o chamava.

A palavra era esquisita. Ático.

Provavelmente, ao se referir àquela parte da casa, antes, não usaria a mesma palavra que a avó. Nem que fosse de teimosia, falaria sótão.

Mas, hoje, não. Hoje não podia.

Era o *ático da vovó*.

Se o luto da casa a repelia, havia um lugar para onde escapar.

Ficava atrás daquela porta, no topo da escada.

No ático.

Por fora da casa, quando alguém lembrava de reparar, o ático mostrava por que ganhara esse nome. Na verdade, era um terceiro andar, um tanto recuado em relação aos outros dois, na fachada e nas laterais (mas não no fundo). Ou seja, um andar menor, sobre os demais: um ático.

Fazia dois dias que avó Benícia morrera e a garota, embora ainda não houvesse dito isso para si, sabia que perdera a pessoa mais importante de sua vida.

Não se surpreendeu que a tranqueta corresse fácil. A rigor, a porta jamais esteve trancada. Bastava apenas querer abri-la. Se quisesse.

Ou, *se quisera*? Era a avó que falava assim, às vezes. E com um sorriso malandro nos cantos dos lábios. Um sorriso tão dela. De ninguém ter certeza de por que ela sorria, de dei-

xar perguntas sem resposta. E seu jeito de falar tinha a ver com aquela porta. Sugeriu enigmas. “*Se quisera dá mais vontade ainda de responder: quero, sim!*”

Ela era a neta mais velha. A primeira neta. A neta *querida*, diziam, com uma ponta de ciúme, outra de afeto por ambas. Para recebê-la naquela casa, a avó sempre tinha uma surpresa preparada. Podia ser um pequeno presente, um doce acabado de sair do tacho...

E a neta, com um sorriso manhoso, ao receber o mimo, indagava: “É para mim, vovó?”.

Às vezes, a surpresa era um presente diferente, como a proposta de abrirem juntas mais um canteiro de ervas, no quintal; um sabonete perfumado, que ela mesmo fabricava, para o banho de banheira com muita espuma, e no qual o sabonete seria consumido, todo, de uma única vez, ou uma história: “Aconteceu faz tempo, ainda quando minha bisavó era escrava, aqui mesmo em Colinas da Lua”... E lá ia contando aquela senhora, que estava sempre muito cheirosa e usando ou um broche ou um anel com um camafeu.

A garota entrou no ático e, quando pisou naquele assoalho antigo e escutou os rangidos dos tabuões de madeira, alguma coisa no ar quase a fez chamar: “Vovó?...”

Ou alguma coisa, ou foram suas lembranças que trouxeram a avó ali para junto dela. E era a voz da avó dizendo, do mesmo jeito que dizia, sempre, mal a garota entrava pela porta da frente: “Bem-vinda, netinha. A casa é sua!”.

Ao cruzar a porta do ático, a garota se viu num salão limpo, amplo, bem iluminado por estratégicas claraboias. Num canto, havia uma confortável poltrona de leitura, de couro gasto, com costado alto, braços, banquetas para as pernas. Por trás da poltrona, estava uma luminária com pé alto, de madeira, apontada, de um jeito que a luz se derramaria sobre o li-